

De encontro com a verdade

Laura Gómez Lama

Ilustrações de Sergio Bleda

9 a 11 anos



De encontro com a verdade, 2015.
Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de aula de 9 a 11 anos.

O Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Viária da FUNDACIÓN MAPFRE, destinada a todos os níveis educacionais de 3 a 16 anos, para promover a prevenção e as boas práticas viárias nas escolas.

Direção de projeto: Área de Prevenção e Segurança Viária - FUNDACIÓN MAPFRE.

Coordenação: Territorio creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.
Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.
Produção audiovisual: La Llave. Gestión y producción cultural.
Animação: Vicente Mallols.

© Do texto: Laura Gómez Lama.
© Das ilustrações: Sergio Bleda.

© Desta edição:
FUNDACIÓN MAPFRE
Área de Prevenção e Segurança Viária
Paseo de Recoletos, 23
28004. Madrid
www.fundacionmapfre.org

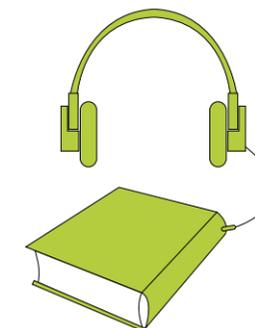
Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo em exceções previstas por lei.

I.S.B.N.: 978-84-9844-545-9
Depósito legal: M-26429-2015

De encontro com a verdade

Laura Gómez Lama

Ilustrações de
Sergio Bleda



Ele mal tinha começado a falar quando sua mãe anunciou o evento que mudaria tudo. Até então, sua casa, seu quarto, tudo e todos ao seu redor pertenciam ao seu reino. Mas ela chegou, Pilar, e Pedro teve que ver as paredes sendo substituídas por um poço lamacento onde ele já não se sentia seguro.

Seu reino tornou-se uma espécie de ilha, comida pela lama, onde ele não podia controlar quem entrava arrasando tudo, quebrando suas coisas, deixando um cheiro de baba e leite vencido, até caca e xixi! Quem disse que os bebês cheiram bem?

Pedro também não tinha controle sobre quem deveria sair de sua ilha, porque se isso dependesse dele, aquele incômodo que se movia por impulsos e agia irracionalmente, que não parava de chorar por tudo e não lhe deixava em paz nem mesmo quando ele se recolhia em seu quarto para ficar sozinho, aquele monstro com fraldas teria deixado o resto do reino que ainda era dele, e nunca mais entrado.

— O que você está fazendo aqui, anã? Eu disse pra você não mexer nas minhas coisas. Vá para o seu quarto!

Só que em vez de sair quando Pedro lhe pedia "gentilmente", bastava um chorinho de nada para que um de seus pais aparecesse imediatamente e ordenasse que ele deixasse sua irmã entrar. E não só isso. Ele também deveria cuidar dela e brincar com ela. Brincar! Eles ficaram loucos ou o quê? Do que ele poderia brincar com aquela arma de destruição em massa? Queriam que ele emprestasse seus brinquedos para que um a um fosse quebrado? Mas a Pilar não sabia fazer nada!

Ele realmente tinha a impressão de que essa garota fez com que seus pais e o resto de seus súditos adultos caíssem em uma espécie de feitiço que os tornara tolos. Era como naquele conto do flautista que encantava os ratos com sua música e os levava para morrer no rio. Essa bruxa em miniatura levou todos os adultos ao poço de lama que agora cercava seu antigo reino, e lá os deixara: enfeitiçados com o som de seu balbuciar.

Agora que Pedro aprendia coisas importantes todos os dias e fazia isso em um instante, ninguém mais prestava atenção em suas conquistas. No entanto,



qualquer bobeira que sua irmã fazia era recebida com o maior entusiasmo.

— Pedro, venha ver o que sua irmã está dizendo.

Dizendo?, pensou ele enquanto encarava sua mãe com espanto.

— Veja como minha pequena garota diz "Pedro". Peeeeeedro. Peeeedro... Pedro! Peeee... Peeee... Peeeedro.

E assim sua mãe poderia passar horas e horas... Um dia depois do outro... E outro. Até que, finalmente, em uma manhã de verão, conseguiu. Pelo menos, isso foi o que sua mãe disse, porque Pedro não pensou que o que saiu da boca de Pilar fosse o nome dele.

— Pedro, querido, Pili disse seu nome. Venha! Corra! — disse, colocando-o na frente de sua irmã. — Qual o nome do seu irmão? É Pe...

— Peido — disse a menina, com muito trabalho.

— Booom! — Disse sua mãe aplaudindo. — Você viu? Ela disse seu nome.

— Ela disse "peido", mãe — respondeu o menino, com os olhos fechados.

— Peido — disse sua irmã, satisfeita, mas esperando algumas palminhas ou demonstração de carinho por parte dele.

— É "Pedro", não "peido"! — gritou o menino, com raiva.

— Peido! — ela gritou também.

Pedro sentiu suas bochechas começando a ficar quentes da raiva que estava por vir e, embora sua mãe lhe explicasse que a menina era pequena e ainda não conseguia dizer a letra "r", ele só pensava na vergonha que passaria no parque quando sua irmã o chamasse de "peido" e todas as crianças comessem a rir.

— Peido! — ela insistiu, ainda aguardando a aprovação de seu irmão. Peido! Peido! Peido!

O garoto saiu correndo e, já em seu quarto, chorou desconsoladamente em um canto e decidiu planejar sua vingança. Depois de um tempo, Pilar chegou, e quando o viu tão triste, ela disse:

— Ea, ea, ea...

— Deixe-me em paz — disse Pedro, subindo na cama para chegar ao canto mais distante, onde ela não conseguisse alcançar.

Na hora da janta, seu pai pediu-lhe que pegasse o guardanapo que sua irmã

jogara no chão e isso lhe irritou muito, pois tinha de sair da cadeira para recolher tudo o que sua irmã havia jogado no chão, foi então que decidiu colocar em prática seu plano.

— Pegue, Pimi — disse Pedro com um tom estranho —, seu guardanapo.

— Você quis dizer “Pili” — disse seu pai.

— Não, Pimi — respondeu.

— Mas é Pili, de Pilar.

— Não, é Pimi, de Pimentão. Ela não me chama de Peido? Bem, eu a chamarei de Pimentão. Pimentão! — Disse ele a sua irmã, que, aparentemente, deve ter achado muito engraçado, pois soltou uma risada —. Pimentão! — ele disse novamente antes de Pilar começar a rir novamente.

— Daqui a pouco eu te explico — disse a mãe ao pai enquanto movia a cabeça de um lado para o outro.

Pedro estava olhando para a Pimentão e pensando no tanto que sua irmã cresceu desde o dia em que a sua vingança não deu certo, porque em vez de desagradar Pilar — Pili para amigos e Pimi para super amigos —, esse apelido parecia se encaixar muito bem com ela. Ela nem se ofendeu quando Pedro, com toda a intenção do mundo, a chamou assim gritando no parque. Ela sabia que ele estava tentando provocá-la e, às vezes, até sucumbia às provocações. Então, ela se lembrou do que seus pais lhe disseram sobre a origem desse apelido e trouxe novamente à tona o antigo nome de seu irmão, só que agora precedido por “cara de”...

— O que você quer, cara de “peido”? — gritou do seu círculo de amigas, todas sentadas na areia rindo de Peido... Desculpa, Pedro.

Desde cedo, sua irmã era um incômodo e sempre tentava lhe envergonhar. Mas o pior era que ela sempre lhe imitava. Se ele comesse um sorvete, ela também tinha que comer um. Se ele quisesse assistir a televisão tranquilamente, demorava dois segundos para que ela sentasse ao seu lado e perguntasse:

— O que você está assistindo?

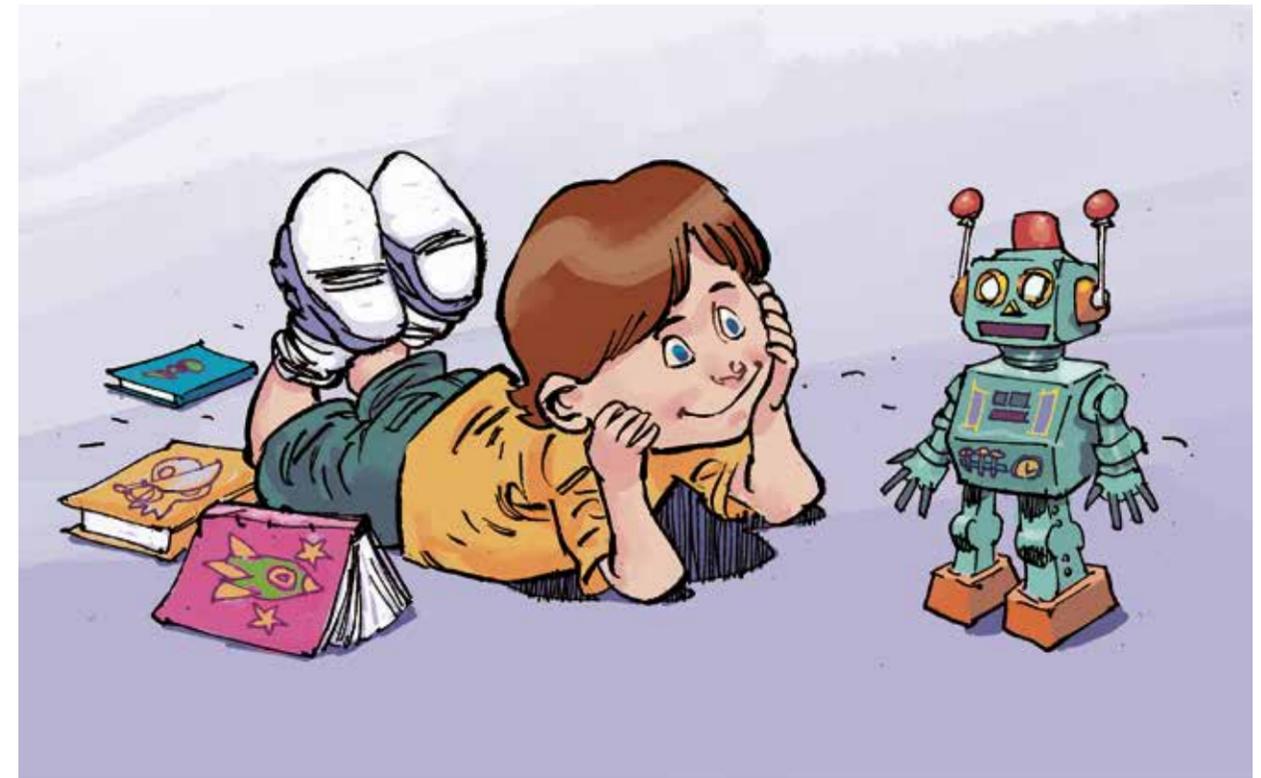
— Um fil...

— Do que?

— Acabou de começar...

— Quem é esse?

— Alguém.



— Ele é bom ou é mau?

E assim por diante, até que mudou para um filme de estudantes em apuros, e ele foi ao quarto dele para ler. Isso acontecia desde que Pimentão deixou de ser um bebê e começou a deixá-lo louco com tantos porquês e tanta imitação. Parecia que ele tinha um papagaio amarrado ao pescoço. Então, ele não teve escolha senão aficionar-se à leitura, que era a única atividade, junto com as tarefas, na qual sua mãe impunha respeito, porque, segundo ela, todo o conhecimento da humanidade e das invenções estava nos livros.

Ped... Pedro adorava livros de aventura, de monstros e do espaço. Antes, quando era mais jovem, Rüdiger era o protagonista de todas as suas fantasias. Dizer que era seu brinquedo favorito seria mentir, pois Rudy era o melhor de seus amigos. Seus pais o deram em um Natal, quando Pedro já era "um pouco grande para brinquedos" — como murmurava seu pai — então ele não esperava, apesar de ter pedido, que seu pai "Noel" prestasse muita atenção nele. No entanto, na manhã seguinte, o presente estava debaixo da árvore.



Foi tão grande o carinho recebido por ele que fez com que todos fossem infectados, e sua mãe, quando viu Pedro tão entretido em suas aventuras espaciais, lançou um olhar de canto de olho para o pai e lembrou-se das reclamações um dia antes do robô entrar em suas vidas.

— Muito velho... — ela murmurou, balançando a cabeça enquanto olhava para o marido.

Para a mãe, Rüdiger não era apenas um brinquedo, pois apreciava a relação que as crianças estabelecem com suas coisas. Além disso, via nele um apoio para a educação de seu filho mais velho, uma espécie de aliado, porque o robô trazia consigo várias lições sobre como ser "um cidadão modelo".

— O que é um "cidadão modelo"? — perguntou Pedro nos primeiros dias, quando ele não conseguia parar de ouvir tudo o que Rüdiger guardava em sua memória.

— Um cidadão exemplar — respondeu o pai.

— E o que é um "cidadão exemplar"? — perguntou Pedro, depois de um momento de reflexão.

— Bem, é um cidadão que dá exemplo — disse o pai de novo.

— O que dá exemplo?

— Que lhe dá exemplos do que você deve fazer como um bom cidadão.

— Cidadão?

— Sim, cidadão, pessoa que vive na cidade.

— Então o vovô e a vovó não são cidadãos? Porque eles vivem num povoado...

— Um bom cidadão é aquele que cresce corretamente em uma cidade ou povoado — disse a voz de sua mãe desde o quarto de Pilar.

— Cresce, mãe? — disse Pedro enquanto entrava no território inimigo —. Como um bolo?

— Não — ela disse com uma risadinha —. Vamos ver outra palavra... É uma pessoa que anda pelas ruas fazendo tudo o que Rudy diz: atravessando a rua pela faixa de pedestres, não jogando chiclete no chão... Então você será um "cidadão modelo". Ou seja, uma pessoa que todos desejariam ser, pois faz as coisas corretamente.

— Que coisas?

— Ah! — a mãe suspirou, e com isso, Pedro sabia que a explicação tinha chegado ao fim. — Bem, as coisas que o Rudy diz.

Assim que Pedro voltou para o seu quarto, sentou-se na frente do robô e passou um longo tempo ouvindo as coisas que ele dizia. Ele as ouviu tanto que as decorou e, embora ele estivesse sentado no chão do seu quarto em frente ao exemplo dele, tudo fazia sentido, quando saía na rua e observava as pessoas, tudo era um caos.

Supunha que, além de ser uma pessoa e um cidadão, era um pedestre e tinha que caminhar pela calçada, mas havia ruas onde os carros estavam estacionados sobre ela e não deixavam seu pai passar quando ia com o carrinho de compras ou quando sua mãe carregava Pilar no carrinho. No começo, ele pensava que, por estarem com um carro ou carrinho, seus pais e sua irmã deixavam de ser pedestres e viravam motoristas, e por isso deveriam sair da calçada. Mas, entre as explicações de Rüdiger e os "elogios" que a mãe deu aos proprietários dos carros, ele deduziu que eles eram os que não conheciam bem as regras.

No entanto, quando ele perguntou a seu pai como ele poderia conseguir uma carteira de motorista sem conhecer as regras, seu pai respondeu que era impossível, mas Pedro não entendeu como, mesmo sabendo que não deveriam estacionar ali, os motoristas continuavam colocando os pedestres em perigo, como eles, o que os obrigava a serem cidadãos de risco e em risco.

Era algo que não entrava na cabeça dele: por que as pessoas, em geral, não cumpriam as regras? Depois de muito perguntar e observar, ele percebeu que era como uma expressão que sua mãe usava muito, "uma cobra que morde a própria cauda"... Se os pedestres não conseguem usar a calçada, eles andam pela rua. Se os carros não encontram estacionamento, eles sobem nas calçadas. Se as pessoas não comprassem tantos carros e houvesse um equilíbrio entre o número de pessoas e o número de assentos dentro dos carros, todos poderiam ocupar seu lugar nas ruas. Mas, para isso, as pessoas teriam que compartilhar seus veículos com outras famílias, como havia visto em alguns filmes, quando as pessoas iam para o trabalho. Mas isso só acontecia em Nova York, porque em Madrid todos queriam ter seu próprio carro e, é claro, em uma cidade onde você tem que viver cada vez mais alto porque não há mais espaço no chão, você não esperaria encontrar estacionamento para todos. Se estivéssemos falando de bicicletas ou até mesmo motos, tudo bem. Mas carros!

Estas são as coisas em que Pedro pensou anos mais tarde, enquanto estava no ônibus com seus pais, sentado tranquilamente e observando os carros invadirem todas as faixas da Rua Alcalá.



— Percebeu por que temos que usar o transporte público? — perguntou sua mãe à Pimentão.

— Por que, mãe?

— Porque isso é o que acontece quando todos nós saímos de carro para ir ao mesmo lugar. Provoca congestionamentos.

— Nós também estamos presos no congestionamento — respondeu Pedro.

— Sim, mas se todos fizessem como a gente, não estaríamos.

— Estaríamos presos de qualquer maneira, só que dentro do ônibus.

— Se todos usássemos o ônibus, passaria um a cada cinco minutos — disse sua mãe.

— Por que não proibem os carros de... — acrescentava Pedro, que já estava começando a perceber que o "cidadão modelo" era como o super-homem, ou seja, um ideal.

— Pelo menos não temos que encontrar estacionamento — disse seu pai sem que ninguém pudesse rebatê-lo.

No entanto, o que mais chocava Pedro de tempos em tempos, não era a ideia de que estranhos ignorassem as regras, mas a de que seus próprios pais — que o faziam esperar por uma eternidade no sol até que a luz iluminasse o homem verde e o obrigavam a aguardar a próxima vez, se o homenzinho piscasse para avisar que o sinal fecharia — cruzaram o vermelho ou se apressaram ao ver o homenzinho piscando sem nem mesmo terem chegado à faixa de pedestres, para que não chegassem tarde a algum lugar. Quando perguntei por que eles tinham feito isso, eles disseram que estavam com pressa, como se não tivessem outra escolha e, nesse caso, era correto ignorar o Regulamento de Circulação. Então, Pedro insistiu:

— Mas está certo ou errado?

A resposta foi clara: era errado e as crianças não deveriam fazê-lo sob nenhuma circunstância. Razão pela qual, à medida que foi crescendo e se sentindo mais adulto, começou a conceder a si mesmo essa e outras exceções que viu que seus pais se concediam. O problema era que o conceito que Pedro tinha sobre si mesmo, agora que tinha onze anos e já se sentia adulto, não era real. Ele era, no entanto, o mesmo conceito que ele tinha de sua irmã quando ela queria fazer o mesmo que ele e ele a repreendia, ignorando ou não querendo ver que as mesmas exceções que ele abria quando seus pais não estavam presentes para controlá-lo, também eram abertas por sua irmã, que, com nove anos recém cumpridos, também se considerava suficientemente adulta.

É curioso o quão claramente a gente vê as coisas quando acontecem com outra pessoa e o quão cegos somos diante da mesma realidade quando acontece com nós mesmos. Não podemos vê-la até nos encontrarmos com ela.

Rüdiger, como qualquer amigo, passou por vários estágios na vida de Pedro. Este, depois de aprender a se comportar nas ruas sem questionar o que seu amigo dizia, começou a deixá-lo sem voz para se colocar nas aventuras imaginárias do planeta Zebra, onde as regras do Regulamento eram obedecidas sim ou sim. Uma das mais importantes era a que seus vizinhos reais em sua vida real mais violavam: proibido parar na calçada impedindo a passagem dos demais. No planeta Zebra seriam punidos com dez anos de prisão e dez beliscões por dia. O que ele não entendia é que, no planeta Terra, seus vizinhos continuavam impunes.



Outra regra cuja violação nunca teve consequências na Terra e era ainda mais irritante para todos era ignorar as diretrizes relacionadas aos cães. Todos os dias ele se deparava com as mesmas pessoas, soltando seus cachorros enormes e deixando caca em todos os lugares. Uma vez, um desses cães derrubou Pimentão no chão e, embora a menina não fosse um santo de sua devoção, Pedro estava muito irritado com o dono e disse-lhe que seu cão deveria sair com uma coleira na rua, ao qual o senhor respondeu:

— Cale-se, criança! — e se sentiu satisfeito.

Pedro queria insultá-lo, mas também tinha um pouco de medo. Além disso, ele lembrou que é preciso respeitar os mais velhos e se perguntou se os mais velhos também não deveriam respeitar as crianças. Aparentemente não, porque alguns insultos saíram por parte do dono do cachorro e ninguém dos que estavam assistindo disse alguma coisa. É por isso que, no planeta Zebra, ele pensou em banir os cães. No entanto, ele gostava de cães, então pensou em proibir os donos dos cães. Mas isso não lhe parecia bem, pois pensou em tia Paloma e em Isidro, seu cachorro, que se comportava de acordo com as regras de circulação. Então, finalmente, decidiu que manteria os mesmos padrões da Terra, só que nenhum culpado por má conduta sairia sem punição. Nesses casos, o cão se mudaria para uma família que soubesse cuidar dele, e o dono não poderia ter nenhum animal até prestar dez anos de trabalho comunitário coletando caca de cachorro e chicletes colados no chão e debaixo das mesas e cadeiras dos parques.

Essa anedota ficou gravada na memória de Pimentão, que, do chão, observava seu irmão defendê-la contra um arruaceiro que tinha o dobro de sua idade e tamanho, não podendo deixar de vê-lo como uma espécie de super-herói com quem ela sempre se sentiria segura. Ele até ajudou-a a se levantar do chão! Ainda que, quando o agradeceu, Pedro não deu bola, dizendo que não conseguia suportar aquele cara. Ela, no entanto, sabia a verdade, não importava o quanto ele brigasse com ela, ela era sua pequena irmã da alma. Então, depois de ouvir a conversa de Pedro no caminho para casa sobre o que era certo e o que não, sobre o que Rudy disse e o que as pessoas fizeram, Pimentão decidiu pegar o robô às escondidas para aprender mais sobre o assunto e para que Pedro pudesse admirar seu comportamento.

Então chegou o momento em que os dois se distanciaram, mas o verão em que Pedro completava dez anos chegou, e ele e Pimentão passaram todo o mês de agosto no povoado, na casa de seus avós. Lá, ele teve que aguentar toda a sua



gangue saindo de bicicleta para a montanha ou para a lagoa, enquanto ele tinha que andar, chegar quinze minutos depois e, o pior de tudo, levar a Pimentão com ele. Essa menina nunca mais o deixaria em paz?

Pimentão, por outro lado, ficou feliz em entreter o passeio de seu irmão, porque, como este não sabia andar de bicicleta, ele tinha que andar por tudo. Se não fosse por ela, ele teria que ir sozinho. Mas ela era tão cortês com ele que ele até se irritou quando ela quis deixar de ver sua série favorita por ele, tentando convencê-la de que não deveria se incomodar. Ela, no entanto, ficava encantada em fazer-lhe o favor. Por fim, foi útil para o irmão que a cuidou tanto! Ela perderia mil capítulos apenas para passar o tempo falando sobre as coisas que interessavam Pedro.

No caminho para a lagoa, por exemplo, ela perguntou:

— Aqui não tem faixa de pedestres, o que Rudy diria para fazer?

— Quando não há faixa de pedestres, você deve ir a uma esquina e atravessar em linha reta e com ritmo acelerado, mas não deve correr.

— Por que nas esquinas?

— Porque os carros costumam passar mais devagar pelos cruzamentos, porque outro carro pode vir pela via perpendicular, então eles são mais cuidadosos. De qualquer forma, Pimi, mesmo que haja uma faixa de pedestres e um semáforo, você sempre precisa parar e olhar antes de atravessar.

— Eu sei: primeiro à esquerda e depois à direita, embora às vezes eu fique confusa.

— Não só isso. No outro dia eu vi você descer da calçada e esperar um carro passar na rua para que você atravessasse atrás dele, correndo como uma louca.

— Eu estava com pressa...

— Não importa, você não pode fazer isso.

— Todo mundo faz isso.

— Mas a gente não.

— Papai e mamãe fazem quando estão atrasados.

— Ah, mas eles são mais velhos e não contam.

— Tá, vou esperar na calçada.

— E não sairá de lá até que os carros parem para deixar você atravessar.

— E se eu parar e não vier nenhum carro?

— Então você pode atravessar... Mas não correndo como uma louca.

— Eu não vou correr... Embora a mamãe sempre que nos traz para o povoado diz para corrermos como cabras.

— Sim — Pedro não conseguiu conter sua risada —, mas suponho que ela se refere a lugares como a montanha ou a lagoa.

— Pedro.

— O quê?

— Quer que eu te ensine a andar de bicicleta?

— Não.

— Eu não sei por que você tem tanto medo, é muito fácil.

— Cale a boca! Eu não tenho medo. Não diga isso novamente.

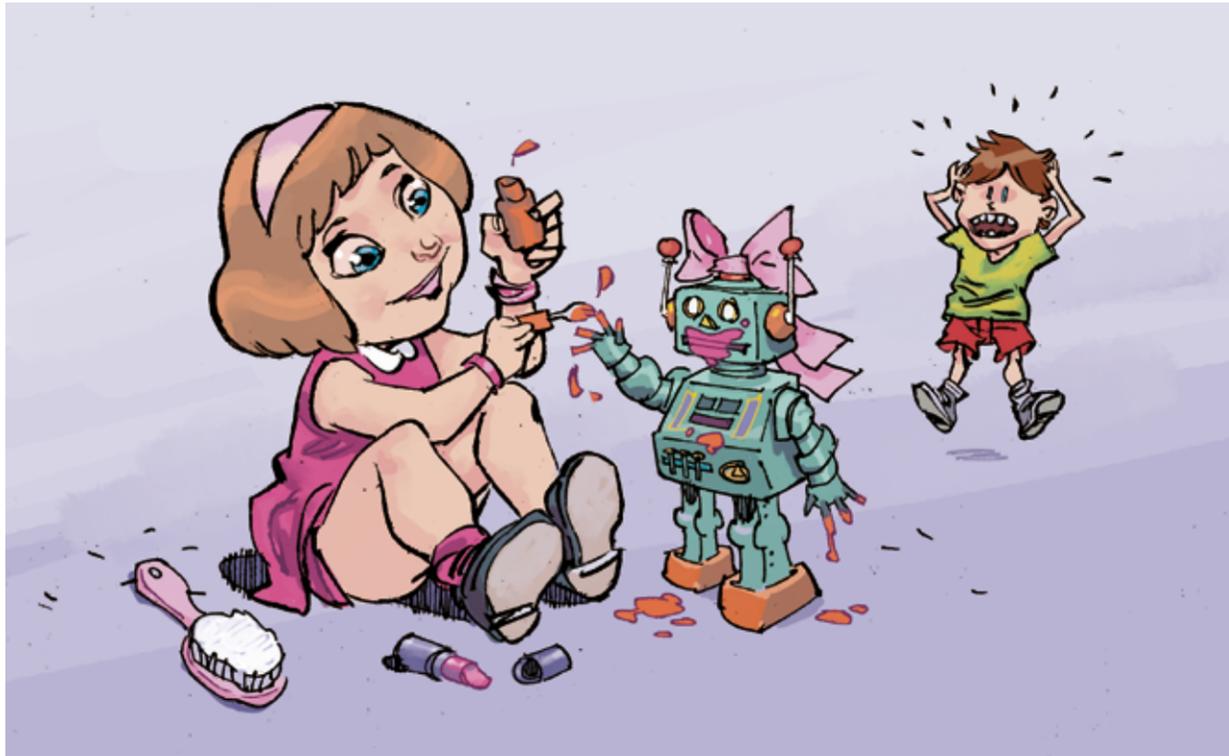
Pimentão sabia que ele tinha, mas não disse nada, pois percebeu que Pedro estava envergonhado. Ela também não queria que a gangue soubesse que havia uma ótima bicicleta na casa do vovô, porque Pedro havia dito que eles não tinham uma. É por isso que ela também não andava, mesmo com suas amigas indo à praça pela manhã para andar de bicicleta.

Pedro, por sua vez, sabia que não deveria impedir Pimi, mas não podia permitir que ela dissesse algo e, embora confiasse nela, não queria admitir na frente de sua pequena irmã que sentia medo e vergonha. Era bastante humilhante, já que ela sabia como andar de bicicleta e ele não, como se fosse pra ela — justo ela! — ser quem lhe ensinaria. Ele tinha feito aposta ou o quê?

— Eu sei. Eu disse isso apenas por se caso... — acrescentou Pimentão, como se estivesse se desculpando.

— Me deixa — disse Pedro, deixando sua irmã pra trás enquanto murmurava —. Ano que vem eu vou aprender a andar de bicicleta só pra não ter que andar com você.

Na verdade, foi assim mesmo, e mais uma vez ele recorreu ao seu amigo da alma, Rüdiger, para que o ajudasse. Bem, aprender a andar de bicicleta em um campo é uma coisa e andar pelas ruas de Madrid, mesmo que em uma ciclovía ou em um parque, é outra.



Ele pediu a seus pais que levassem a bicicleta do povoado para casa e, em vez de ir ao parque, ele ia empurrando a bicicleta ao longo da calçada até chegar ao Retiro e lá, infiltrado no anonimato da multidão, se juntou às outras crianças que também estavam aprendendo a andar de bicicleta orientados por seus pais no Paseo de Coches. Assim, aos 10 anos, conseguiu aprender sozinho a andar de bicicleta. Mais tarde, o desafio era aprender a lidar com os cruzamentos, ciclovias, crianças correndo, vizinhos parados no meio do caminho, pedestres, cães perdidos e suas cacacas, bolas que aparecem do nada, bicicletas em ambos os sentidos, ultrapassagem e os desequilíbrios causados por locais em obras e inúmeras irregularidades no chão. Quem seria melhor do que Rüdiger — escondido em uma cesta no maior estilo ET — para ajudá-lo com tudo isso? No verão seguinte, ele só precisaria se juntar aos seus amigos no povoado e deixar a sua irmã de lado, pois, por ele ter ficado com a única bicicleta, ela teria que ficar em casa.

Isso deixou Pimi muito triste porque já não poderia mais passear com seu irmão. Mas ele tampouco obteve a glória que esperava, pois, embora o povoado não

apresentasse os mesmos riscos das cidades, lá também não era precisamente asfaltado. Então, antes da primeira semana, a bicicleta já estava quebrada e a perna de Pedro também.

Aquele verão de calor e aborrecimento para todos também foi um marco em sua amizade com Rudy, pois embora ele tivesse se recuperado e conseguido uma nova bicicleta, não estava mais interessado nas leis e a idade de brincar com robôs já tinha passado. Mesmo assim, no dia em que ele percebeu que, pouco a pouco e da maneira mais sutil, Pimentão estava se dando bem com o robô, gritou tão alto que era possível escutar o grito até do céu. Inicialmente, Pedro não deu muita importância quando ela andou com sua nova bicicleta no parque e encontrou seu melhor amigo com as unhas cor-de-rosa. Mas quando ele quis dizer que aqueles brinquedos eram só dele, sua mãe e seu pai concordaram em fazer com que se envergonhasse por "querer continuar sendo criança" para algumas coisas, forçando-o a ceder frente aos olhos lacrimejantes de sua irmã... Mais uma vez!

Pedro estava tão chateado com a injustiça da situação que, às vezes, nem sequer notava que estava se vingando e, em um ato de rebelião inconsciente, começou a se opor a tudo que Rudy, a nova princesa robô, lhe ensinara antes de ter as unhas cor-de-rosa.

Então, ele começou a parar de olhar torto para seus amigos que jogavam papel ou chiclete no chão e, pouco a pouco, começou a ser igual aos demais, com a aprovação dos mais valentes do grupo, aqueles que no planeta Zebra teriam sido condenados e teriam de limpar os parques. Depois passou a cometer infrações em grupo, que os colocavam em risco. E não só eles, mas também os motoristas, que eram obrigados a frear bruscamente em mais de uma ocasião; e até mesmo os pedestres que esperavam pacientemente, uma vez que outro menino empurrou uma pessoa mais velha, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio. Em outra ocasião, até mesmo uma criança pequena que, liderada pela inércia do grupo, seguiu-os enquanto atravessavam a rua quando o semáforo estava prestes a fechar, dando a sua mãe um susto de morrer; ao motorista do ônibus, que teve que praticamente jogar o ônibus contra a calçada; aos passageiros do veículo, que bateram uns nos outros; aos velhinhos que quase foram atropelados pelo ônibus... Eles saíram correndo em disparada para que não fossem pegos, deixando todos com o coração nas mãos. Pouco depois, no parque, todos riram com aquela risada que as crianças dão para esquecer que fizeram algo pelo que deveriam sentir vergonha, cobrindo uns aos outros com suas costas, escondendo a cara de cada um deles na totalidade grupo.



Pedro também estava rindo e o fazia ainda mais alto do que qualquer outro menino, pois estava mais envergonhado do que os demais, pensando no susto que sua mãe, ou até ele mesmo, teria levado caso aquela criança tivesse sido Pimentão. Não entendia muito bem por que ele se sentia assim ao pensar naquela garota que lhe roubara tudo, mas a verdade é que era ruim imaginar.

Pedro tampouco percebeu que sua irmã, sempre atenta a seus gestos, começou a imitar seus comportamentos mais insolentes e imprudentes, pois na última vez que Pimi havia tentado falar sobre aquele assunto que seu irmão tanto amava antigamente, Pedro havia lhe dito que nada do que "sua robô princesa" havia lhe ensinado servia.

— Teria sido melhor se eu tivesse ignorado tudo. Você não vê que ninguém liga para as regras? Elas só servem pra te chamarem de todos os nomes.

— Não diga isso para a sua irmã — entrevistou sua mãe. — Você quer que te aconteça algo? Você não vê que é um exemplo para ela?

— E você? — respondeu o menino — Por acaso você não atravessa no vermelho quando está com pressa?

— Bem, eu faço isso quando não há carros... Além disso, eu sou adulta e você não deve se comparar a mim.

— Eu também não sou nenhuma criança — replicou.

— Nem eu — acrescentou Pimentão.

— Fique quieta, Pimi — disse ele.

— Não, fique quieto você! E vá já para o seu quarto — finalizou sua mãe.

Em vez disso, Pedro levantou-se da mesa e saiu de casa em disparada, batendo a porta para que todo o universo, incluindo o planeta Zebra, estivesse ciente de sua raiva. Pimentão correu para olhar pela janela e viu Pedro sair correndo pela mesma rua até chegar no cruzamento cujo, na esquina oposta, encontrava-se o parque. Pedro, em vez de seguir reto e atravessar pela faixa de pedestres, virar e atravessar pelo semáforo, cruzou de um canto para o outro, diagonalmente, levando uma buzina de um caminhão que teve que frear. Uma vez lá, ele chutou uma lixeira, com tanta sorte que, por ser ele quem estava fazendo algo errado, um policial veio chamar sua atenção. Pedro começou a correr até que nem Pimentão nem o policial conseguissem vê-lo.

— Qual é o problema, Pimi? — perguntou sua mãe, vendo-a tão silenciosamente

na janela —. Não ligue para seu irmão; ele está em uma idade que não há quem entenda.

— Eu entendo — respondeu Pimentão antes de se trancar sem seu quarto.

A coisa não durou muito e, alguns dias depois, quando a família passou pelo "lugar do crime", Pedro percebeu que a lixeira não estava mais ali quando seu pai foi jogar o papel da sobremesa que estava comendo.

— Olha! Não havia uma lixeira aqui?

Pedro olhou para o chão.

— Antes sim. Mas, recentemente, um menino a chutou até ela cair no chão — explicou Pimentão.

— E ninguém lhe disse nada? — perguntou seu pai.

— Sim — continuou a menina. Um policial o repreendeu, mas o menino fugiu.

Pedro não sabia o que dizer diante do olhar de Pimentão, buscando nos olhos de seu irmão uma espécie de cumplicidade que este não desejava. Essa bobagem e esse tipo de união criminoso que Pimentão queria — Pimi! A doce e irreverente Pimi — a deixaram fora de jogo. Ela, por sua parte, estava esperando algo mais em troca de seu segredo: um piscar de olhos, um comentário cúmplice, um "obrigado por não dizer nada"... Algo! Mas não, Pedro olhou novamente para baixo e nunca mencionou nada sobre isso. Então, numa manhã tediosa de domingo, quando viu seu irmão pegar as chaves, ela decidiu agir.

— Eu vou para o parque — gritou seu irmão já na porta.

— Eu também — gritou ela.

— Não. Não quero ir com você.

— Ah é? Nesse caso, vou ter que falar com mamãe e papai sobre uma determinada lixeira...

— Ok, ok... Mas vá brincar em outro canto.

Aquela manhã foi a mais reveladora para Pimentão, já que, de seu assento em um banco que respeitava a distância de segurança estabelecida por seu irmão, ela podia ver como este se tornara um menino mal educado e respondão, que dizia um monte de palavrões, comia doces cuspiendo baba, jogava lixo no chão, e ria das pessoas que passavam. Até mesmo dela, quando um de seus amigos lhe disse que ele havia trazido seu rabo de saia.



De banco em banco, a troca de olhares era digna de um filme em que, depois dessa sequência, algo terrível aconteceria. E assim aconteceu. No caminho de casa, os dois estavam morrendo de vontade de dizer o que pensavam e, depois de um desconfortável silêncio, foi Pimi quem começou.

— Desde quando você se começou a ser assim, tão brigão?

— E você? Desde quando você se tornou uma espertalhona?

— Sempre fui esperta, o que acontece é que você sempre foi tolo o suficiente para não notar.

— Ah é?

— É. Na verdade, estive encobrindo tua estupidez a minha vida toda... Quando você não sabia andar de bicicleta e dizia que não tínhamos uma, eu não andava com ela para encobri-lo. Quando você dizia que ia ao parque e mamãe perguntava por que nunca o víamos, nunca contei que você ia a outro lugar porque ficava envergonhado se alguém o visse aprendendo a andar de bicicleta com dez anos de idade, por nunca ter deixado seu pai ou sua pequena irmã ensinar você. E todas aquelas noites em que eu deixei de ver minha série favorita para acompanhá-lo? Graças a mim, você não precisava ir sozinho.

— Ah, e você é a espertalhona? Então, como é que você não percebeu que era um incômodo? Desde que você entrou na minha vida, você não fez nada além de roubar minhas coisas, a atenção de todos, todos os motivos... Sempre querendo estar grudada em mim... Vê se entende: eu só queria estar sozinho com meus amigos!

— Ah é? Pois olha, eu não vi ninguém te esperar. Fui eu quem passou o verão com você, não seus 'amigos'. Saiba que nem eles nem os do parque são seus amigos se você tiver que ser tão estúpido quanto eles para que eles gostem de você. Você não é assim. Eu gostava mais de você antes.

— Não me importo com o que você pensa. Você é só uma criança.

— Não é mais do que você.

Pimentão correu para casa, atravessando o cruzamento em diagonal, como havia visto seu irmão fazendo, que correu atrás dela para antecipar o pior ao ver um carro aparecer. Felizmente, após o merecido susto, Pedro conseguiu ver Pimentão sã e salva na calçada, embora estivesse tremendo do susto e com os olhos cheios de lágrimas.

Controlando seu primeiro impulso, ele atravessou corretamente, esperando um semáforo que parecia eterno e, quando finalmente chegou ao lado de sua irmã, ele não conseguiu conter-se e abraçou-a sem dizer nada.

— Nunca mais faça isso — ordenou depois.

— Não me dê lições, eu vi você fazer o mesmo. Você acha que é melhor do que a mãe e o pai quando eles lhe dizem o que fazer, mas você é igual. Você acha que é muito mais velho, mas você é tão jovem quanto eu. Você acha que é melhor que todo mundo, e o pior de tudo é que eu também achava — dito isso, Pimentão deu a volta e foi para casa, soluçando como quando era pequena —. Além disso, você não me odiava tanto?

E se algo estava claro naquele momento era que não, ele não a odiava; ele a amava muito e queria protegê-la de todos os maus para que ela continuasse sendo como era.

Naquele dia, tudo mudou para Pedro. Bem, na verdade, aquela conversa não teve conseqüências imediatas. Pedro não se tornou o mais carinhoso dos irmãos, nem deixou de pertencer a uma gangue de crianças. Tampouco voltou a querer ser um "cidadão modelo". Pelo menos, não naquele dia. Foi pouco a pouco, começando por pedir perdão para Pimentão e passando o domingo seguinte tirando chiclete e recolhendo lixo em todo o parque junto a ela como resultado de uma sentença interplanetária. A verdade é que eles não pararam de se provocar, mas passaram um ótimo momento juntos.

Sua mãe também se arrependeu de dar um mau exemplo, o que foi uma lição para seus filhos. No entanto, o que fez com que Pedro realmente começasse a encontrar seu lugar no mundo, focando apenas na pessoa que ele gostaria de ser, foi perceber o poder que exercia sobre sua irmã pequena, pela qual deveria ser, como dizia seu amigo Rudy, um "cidadão modelo", finalmente entendendo o verdadeiro significado dessas palavras.

FIM

Laura Gómez Lama, nascida em Madrid, concentrou sua carreira como redatora no mundo da educação. Ela trabalhou com imprensa, embora tenha feito sua graduação em Jornalismo, falando sobre os clássicos do cinema na rádio. A magia da mídia e o poder que a palavra exerce na imaginação não só conseguem inspirá-la, mas hipnotizam-a até deixá-la "viajando em outros mundos".

Interessa-lhe a literatura infantil e juvenil, vendo-a como "um aliado na transmissão de conhecimento e experiências dos adultos, que por um momento abandonam sua trincheira para parar de impor lições e se sentar para conversar em pé de igualdade, dizendo às crianças: isto é o que eu sei, o resto é coisa sua".

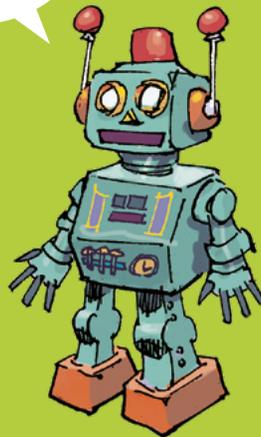
Atualmente coordena a revista Escuela Infantil.

Sergio Bleda, nascido em Albacete, é cartunista e ilustrador profissional há vinte anos. Suas obras foram publicadas em vários países da Europa e dos Estados Unidos.

Começou a trabalhar como desenhista e roteirista em 1991. O salto em sua popularidade chegou com "El Baile del Vampiro" (A Dança do Vampiro, em tradução literal), série publicada pela Planeta DeAgostini dentro de sua linha Labyrinth, pela qual foi nomeado ao Premio Autor Revelación del Saló internacional do quadrinho de Barcelona no ano de 1998. Esta série e a trilogia "La Conjura de Cada Miércoles" (A Conspiração de Todas as Quartas-feiras, em tradução literal) recentemente foram reeditadas nos Estados Unidos pela editora americana Dark Horse.

Atualmente mora em Valência e continua desenvolvendo sua carreira profissional como cartunista e ilustrador no mercado nacional e internacional.

Continua a
aprender
connosco. Sabe
mais aqui!



www.fundacionmapfre.org